

Influências da cultura pomerana nos sítios rurais pelotenses: um estudo de caso.

Vanessa Patzlaff Bosenbecker

Fábio Vergara Cerqueira

Resumo

O presente trabalho relaciona dados obtidos de forma empírica, com levantamentos físico-espaciais, fotografias e referenciais teóricos. Nele, é apresentada a análise em um sítio edificado na década de 1940, localizado na Colônia Py Crespo (3º Distrito de Pelotas, RS), por um casal de netos de imigrantes pomeranos que chegaram ao Brasil no século XIX. O objetivo geral foi verificar a contribuição da cultura centro-européia na arquitetura e na organização das propriedades rurais dos descendentes de imigrantes pelotenses. No primeiro momento, as peculiaridades construtivas, estilísticas e organizacionais pomeranas foram caracterizadas utilizando como base os estudos do arquiteto Günter Weimer, para, posteriormente, identificá-las no sítio estudado. Desta forma, foi constatado que, assim como os imigrantes, os descendentes seguiram repetindo o modelo organizacional dos sítios e das residências e utilizando as técnicas construtivas dos seus grupos de origem, porém adaptando-os à topografia e aos materiais disponíveis na região de implantação das propriedades.

Palavras-Chave: Arquitetura, Pomeranos, Patrimônio

Introdução

No século XIX, a população da Europa Central foi acometida por uma situação crítica: primeiramente, junto com a liberdade fruto da Revolução Francesa, vieram os altos impostos cobrados pelo Estado e, logo depois, acompanhando o desenvolvimento tecnológico trazido pela Revolução Industrial, veio a incapacidade de subsistência em suas localidades natais, com seus meios de sobrevivência tradicionais.

Desta forma, uma das alternativas encontradas por estas pessoas, foi acreditar nas promessas dos colonizadores americanos e partirem em busca de uma vida melhor no novo mundo.

Ao chegarem a seus destinos, encontraram uma topografia e materiais construtivos diferentes daqueles que estavam habituados e, assim, precisaram buscar uma adaptação. Recriaram em solo rio-grandense, com características próprias, a organização dos sítios e a arquitetura de seus locais de origem.

O objetivo deste trabalho consistiu em revelar que a arquitetura secular centro-européia, bem como a forma de organização dos sítios da população desta região, foi trazida na bagagem dos imigrantes alemães e transmitida para seus descendentes. Para alcançar o proposto,

procedeu-se, primeiramente, a uma revisão bibliográfica para depois partir para um estudo de caso: O sítio da Família Patzlaff, localizado na cidade de Pelotas, RS.

As referências teóricas foram cruzadas com dados de uma pesquisa de campo baseada num levantamento físico da propriedade, na reunião de fotografias antigas e, também, em novas fotografias tiradas especificamente para este trabalho e, ainda, na coleta de informações através de entrevistas que seguiram um roteiro, foram gravadas e transcritas.

Esta tradição trazida na bagagem foi repassada pelos imigrantes aos seus descendentes e, no sítio estudado, o sítio da família Patzlaff, na Colônia Py Crespo (3º Distrito de Pelotas, RS) é perceptível que a tradição seguiu sendo repassada às gerações subseqüentes.

Processo Migratório Centro-Europeu

A emigração centro-europeia não foi uma válvula de escape de tensões momentâneas, se prolongou por quase um século e, nesse período, houve consideráveis transformações sociais, acompanhadas de momentos de maior ou menor tensão, que fizeram com que se transformassem, também, as causas desta emigração. Para compreender os motivos que levaram a população centro-europeia a sair de suas terras natais, é importante lembrar que a maioria dos emigrantes – com exceção de alguns que ansiavam por mudanças e aventuras – não gostaria de abandonar suas casas ou suas comunidades. Para o historiador Herbert S. Klein, “a imigração só começa quando as pessoas descobrem que não conseguirão sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem” (2000, p.13).

Essa percepção de incapacidade de subsistência chegou aos camponeses centro-europeus após a Revolução Francesa, quando, juntamente com Napoleão, todas as conquistas liberais foram derrotadas. Segundo o arquiteto e urbanista Günter Weimer, as concessões, que deveriam favorecer os camponeses, tornaram suas vidas insuportáveis, pois se no sistema feudal o camponês tinha direitos, como o de permanecer na gleba, sem esse vínculo, ele passou a ter de pagar altos tributos à nobreza para permanecer proprietário e assim, as propriedades foram se tornando pequenas demais para obter o sustento da família (2005, p.36).

Para comprometer ainda mais a situação dos camponeses, no segundo quartel do século XIX, começaram a se fazer sentir os efeitos da Revolução Industrial na lavoura (WEIMER, 2005, p.36). Fertilizantes químicos aumentaram a produtividade e uma maquinaria cada vez mais complexa, dispensou, gradativamente, mais pessoas das colheitas e da debulha, uma das principais atividades de inverno. Além disso, a produção fabril veio competir e superar o trabalho artesanal, uma das formas de aquisição de rendimento suplementar para o camponês (loc. cit.). Dessa forma, ou o camponês vendia o que restava e partia para a cidade ou vagava

nômade à procura de trabalho em terras de terceiros ou, ainda, emigrava para outro continente.

A corrente migratória de europeus para o Brasil iniciou no século XIX tendo, principalmente, objetivos políticos e militares. Esse processo teve seu início com a transferência da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808, e a conseqüente Abertura dos Portos. Porém, segundo o professor francês Jean Roche (1969, p.93), no começo do século XIX, todo movimento espontâneo de migração entre a região da atual Alemanha e o Brasil era inconcebível, em virtude das diferenças dos meios de vida e em razão da distância que separava os dois países. O mesmo autor (loc. cit.) diz que a lentidão, as probabilidades e o preço da travessia, duas vezes mais elevado que para os Estados Unidos, faziam os imigrantes recuarem.

Sendo assim, o governo brasileiro atraiu os imigrantes europeus, oferecendo-lhes diversas vantagens em dinheiro ou em espécie (ROCHE, 1969, p.93). A compensação oferecida à demora e ao custo da viagem, consistia em conceder as terras, instalar os colonos e manter os estabelecimentos, pelo menos durante um tempo. Quando o imigrante chegava à sua colônia de destino, um funcionário o acompanhava para indicar onde ficava sua concessão, entregava-lhe algumas ferramentas indispensáveis: foice, facão, machado, serra, enxadão (ROCHE, 1969, p.52) e, depois disso, a terra arável, o espaço para as construções, tudo devia ser conquistado.

Propriedade do Solo e Forma dos Aldeamentos na Europa Central do Século XIX

Na maior parte dos estados germânicos, onde os camponeses eram livres, a propriedade se limitava a uma pequena nesga de terra dentro da aldeia¹ que nada mais comportava além da casa, de uma pequena horta e de um pomar (Esse conjunto era chamado de *Hof*). O restante (terras agrícolas, pastagens e florestas) era de propriedade comum e, explorado de forma comunitária. (WEIMER, 2005, 37).

As terras agrícolas eram divididas em três partes (*Fluren*): a primeira onde se cultivava o cereal de inverno; outra onde se cultivava o cereal de verão e; uma terceira parte que descansava. Cada uma dessas faixas era chamada de *Felder*. E cada camponês tinha direito a uma parcela de cada uma dessas partes (Op. Cit., 37).

As comunidades eram formadas pelo agrupamento de casas próximas, porém não geminadas. Cada propriedade tinha, aos fundos, uma horta e atrás desta, um pomar. Assim, cada aldeia era envolvida por dois anéis concêntricos de vegetação, baixa por dentro e alta por fora (WEIMER, 1992, 58), conforme pode ser visto no esquema

¹ “O termo ‘aldeia’ tem um sentido ambíguo. Por um lado significava o pequeno conglomerado urbano onde moravam os agricultores. Por outro, significa o conjunto de terras agrícolas, pastagens e florestas sob jurisdição do conglomerado urbano.” (WEIMER, 2005, 37)

apresentado na figura 1.

A respeito da evolução formal dos aldeamentos da Europa Central, Weimer diz que esta foi extremamente diversificada, variando muito de região para região, além de ter sido amplamente analisada por estudiosos alemães e, assim, gerando uma ampla sistematização e criação de terminologias próprias (1992, 58). Dessa forma, serão apresentados os tipos de evolução que, segundo o supracitado autor, foram de alguma forma, reinterpretados no Rio Grande do Sul.

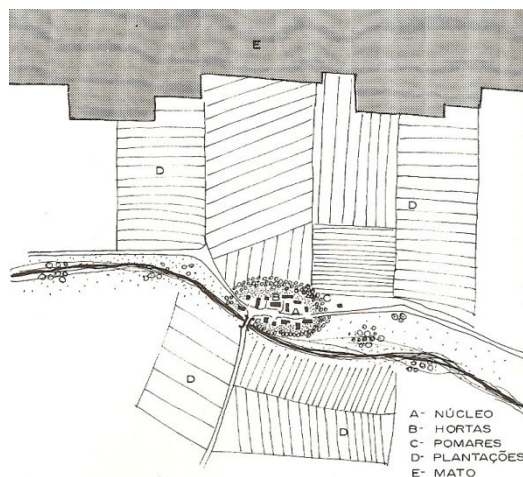


Figura 1: A Ideia Alemã

(Fonte: WEIMER, Günter. *A Arquitetura no Rio Grande do Sul*, 1983, 98)

“A forma mais simples de aldeamento é o *Weiler*, que é um conjunto de dois ou três sítios (figuras 2 e 3). Se esse *Weiler* cresce irregularmente, temos uma *Haufendorf* (figura 4), que é a forma mais comum de aldeia no *Hünserück*. Se o *Weiler* se desenvolve ao longo de uma rua, com as casas em ambos os lados, temos a *Strassendorf* (figura 5), comumente encontrada na Vestfália. Quando a rua se alarga no meio da aldeia, formando um logradouro (no seu sentido original quer dizer passagem pública para o gado), temos a *Angerdorf*. Um tipo especial de Angerdorf é o Rundling, em que a rua dá acesso à aldeia e termina numa devesa (do latim defesa, significando terreno cercado) Os sítios cercavam a devesa onde o gado era deixado à noite. É a forma mais comum de aldeamento a leste do Elba, onde fica a Pomerânia²” (HAUSHOFER, 1974, 27-31; RADIG, 1955, 95-96 apud WEIMER, 2005, 41-42).



Figura 2: Um “sítio” (Hof) isolado
(Fonte: WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular da Imigração Alemã*. 2005, p. 40)

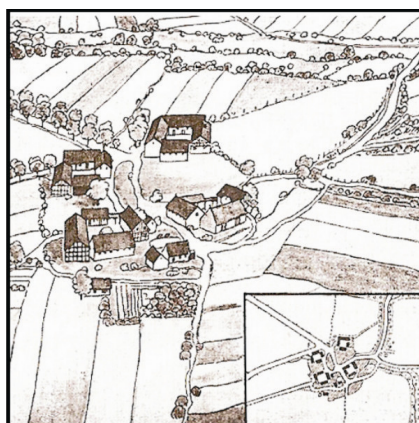


Figura 3: Weiler franco de quatro “sítios”
(Fonte: WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular da Imigração Alemã*. 2005, p. 41)

² “Outras formas de aldeamento como o *Punkdorf*, *Hufendorf*, *Zeilendorf*, *Waldhufendorf*, *Marschhufendorf*, *Rundweiler*, etc. não tem interesse neste contexto.” (WEIMER, 2005, 42)

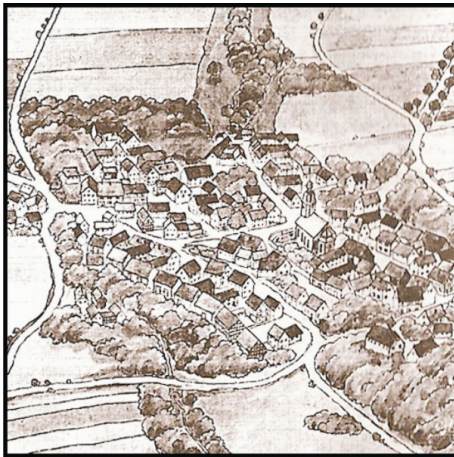


Figura 4: Haufendorf

(Fonte: WEIMER, Günter. Arquitetura Popular da Imigração Alemã. 2005, p. 42)

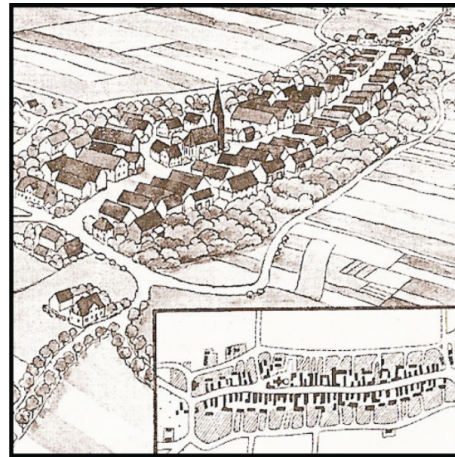


Figura 5: Strassendorf

(Fonte: WEIMER, Günter. Arquitetura Popular da Imigração Alemã. 2005, p. 43)

Partido Arquitetônico e Evolução da Planta Baixa Pomerana

Nessa região da Europa Central, devido à posterior incorporação de parte da área à Polônia, poucos estudos foram realizados e, portanto, poucos dados são encontrados. Segundo Weimer, nessa região, os agricultores não puderam desenvolver uma arquitetura tão exuberante quanto em outras regiões de onde também partiram imigrantes, por causa do regime feudal que persistiu até o início do século XIX (2005, 80). A região foi conquistada pelos saxões provenientes do Schleswig e da Prússia, que foram migrando ao longo da costa do mar báltico e de lá o domínio foi se estendendo para o interior. A penetração foi acompanhada de um processo de miscigenação com os povos eslavos (MOORE, 1967 apud WEIMER, 2005, 80).

“[...] na Pomerânia se configuravam três faixas de partido-tipo paralelos à costa. Junto ao mar se impôs a Arquitetura baixo-saxã com um partido das casas do norte da Alemanha, as chamadas *Gulfhäuser*, com seus telhados cobertos de palha, de quatro águas, muito agudos e cantos arredondados; pés-direitos muito baixos e, na maior parte das vezes, executadas em alvenaria de pedra, rebocadas e caiadas. A terra era baixa, úmida e salgada. Isso contribuiu também para a pobreza da Arquitetura, na qual a madeira era pouco aplicada, era rara ou tinha de ser trazida de longe. As casas pareciam uma miniatura das grandes construções da costa do Schleswig e mantinham, no topo de seus telhados, duas madeiras cruzadas com esculturas de cabeças de cavalo, pedindo a bênção do deus equino *Wothan*³.

³ “Essas cabeças de cavalo em forma de cruz-de-santo-andré eram encontradas em todas as regiões da Baixa Saxônia e, em especial, na Vestfália, onde a penetração de cultos pré-cristãos era especialmente profunda” (ZENDER, 1965 apud WEIMER, 2005, 80). Segundo Weimer, muitas destas crenças foram trazidas para o Rio Grande do Sul, como as benzeduras e o curandeirismo. Na Arquitetura, não encontramos cabeças de cavalos cruzadas, mas é frequente encontrar-se ferraduras pregadas nas soleiras ou vergas das portas externas. (2005, 81)

Mais para o interior, havia florestas que forneciam a madeira para a construção em enxaimel. Na faixa média desenvolveram-se as chamadas ‘casas a leste do Elba’ (*Ostelbische Häuser*). Essas casas eram de duas águas e tinham um esquema de divisão interna semelhante ao das casas baixo-saxãs, com algumas modificações funcionais importantes. Enquanto nestas havia uma continuidade espacial, nas casas do interior da Pomerânia as diversas funções eram separadas por paredes. [...]

Na terceira faixa, a mais interior, que se localizava mais a leste, desde a confluência do Neise com o Oder até a Prússia oriental, se impuseram as casas alpendradas (*Vorlauben Häuser*). Elas se caracterizavam por ter o acesso principal implantado ao lado da empena, ao contrário da faixa intermediária, em que ele se encontrava na elevação do frontão. A porta principal abria para o vestíbulo. O nome dessas casas decorre do fato de terem o acesso principal protegido por um alpendre coberto por um telhado de duas águas ortogonais àquelas da construção principal [...]" (WEIMER, 2005, 80-81)

Baur-Heinhold afirma que a origem dos partidos gerais das zonas de influência eslava é devida ao fato de que, entre estes povos, a divisão do espaço unitário foi feita em três partes distintas: residência, cozinha, estábulos. Como o clima dessa região é especialmente rigoroso, houve necessidade de incorporar um elemento intermediário entre o micro clima interno (da casa) e o ambiente externo, que veio a ser o vestíbulo (1961 apud WEIMER, 2005, 82). Na figura 6, podemos visualizar tal evolução através do esquema elaborado por Weimer.

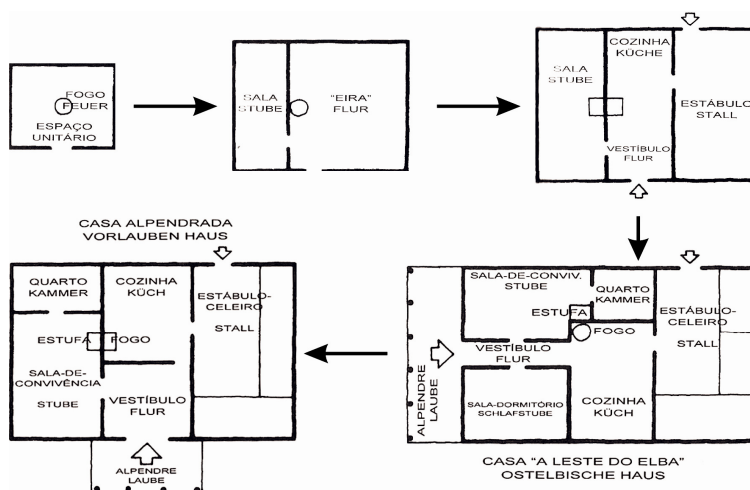


Figura 6: Evolução do partido pomerano. Fonte: WEIMER, Günter. Arquitetura Popular da Imigração Alemã. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p.80-81)

Sistema Estrutural das Coberturas Pomeranas

Para as coberturas, três eram os tipos de estruturas mais utilizados: a alemânica, a franca e a saxã. Para este trabalho, em razão do sistema estrutural encontrado no sítio estudado,

interessa a primeira, que se baseava num sistema estrutural de terças (*Pfettendach*) onde as cargas eram transmitidas, longitudinalmente, aos frontões pelas terças e, transversalmente, às paredes, pelos caibros (THIEDE, 1963; KLÖCKNER, 1974 e; *Brockhaus Encyklopädie* apud WEIMER, 2005, p.92-96).

O Modelo de Sítio dos Imigrantes Centro-Europeus em Solo Rio-Grandense

Os imigrantes germânicos abandonaram suas origens e, ao chegarem ao Rio Grande do Sul, tentaram recriar um espaço com características semelhantes às dos seus aldeamentos natais. Porém, receberam das companhias colonizadoras lotes com formatos retangulares alongados (ROCHE, 1969, p.95), ao longo de estradas, nas chamadas picadas e foi impossível reproduzir a organização das residências e das benfeitorias da forma como era na Europa Central. Assim, os imigrantes recriaram as aldeias - espaços públicos - dentro de seus lotes - espaços privados. Organizaram as benfeitorias, a residência, os pomares, as hortas, as lavouras, os poteiros, conforme estavam habituados (figura 8).

Se na pomerania as casas eram organizadas em torno de uma devesa, no RS, a casa e as benfeitorias passaram a conformar estes pátios de serviços ou para cuidado dos animais. A residência passou a ser o prédio mais importante do conjunto edificado, ocupando um lugar de destaque nesta organização. Próximo às edificações ficam as hortas, pomares e o poteiro, para que se tenha mais fácil acesso às frutas e verduras que são consumidas diariamente e para ter os animais à vista e próximos para oferecer os cuidados diários que os mesmos exigem. As plantações seguem sendo organizadas como na Pomerânia, em "*felders*", nas faixas distintas para cada produção e a faixa de mata virgem, permanece sendo preservada. Weimer diz que praticamente todos os sítios:

"[...] conservam um pedaço de mato no local mais íngreme ou nos fundos do lote. Quando perguntávamos da razão da sua existência, respondiam-nos que era por tradição ou nos diziam: Onde já se viu uma terra sem mato! [...] Nada se extrai dele, atualmente. Trata-se, portanto, de um elemento disfuncional dentro da propriedade.

Com o poteiro acontece o contrário. Todo o colono possui, pelo menos, algumas cabeças de gado que necessitam de uma área gramada para pastar. Para tanto, o agricultor dispõe entre 10% e 24% de área de suas propriedades, o que corresponde de 11% a 28% da terra cultivada. A característica desses poteiros é que eles sempre se encontram junto à sede da propriedade, o que é perfeitamente justificável porque o gado necessita ser tratado, no estábulo, de manhã e à noite, quando as vacas são ordenhadas.

O resto da terra é ocupado pela agricultura, salvo um pequeno trecho de dimensões não plenamente definíveis, no qual está implantada a sede da

propriedade – residência, benfeitorias, jardim, pomar e horta – cuja área se situa em torno de meio hectare. [...]” (2005, 342)

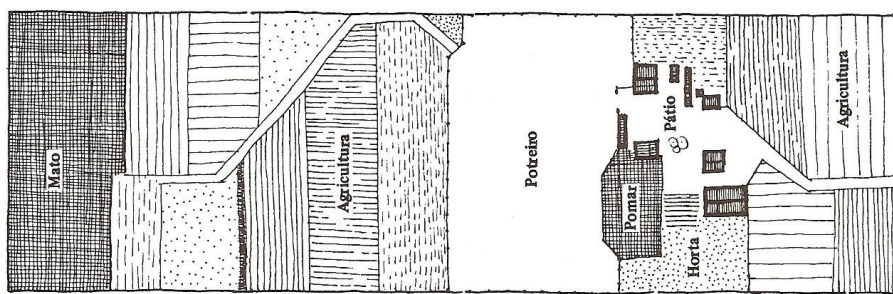


Figura 8: Esquema de um “sítio” teuto-brasileiro. Fonte: WEIMER, 2005, p.341

O Sítio dos descendentes. Estudo de Caso Propriedade da Família Patzlaff

Aquisição do sítio e construção da residência e benfeitorias

Comumente, quando o casal fica noivo, adquire o terreno e edifica a residência, porém, para a família Patzlaff, a sequência de acontecimentos foi diferente. A edificação do sítio foi responsável pelo casamento dos patriarcas e pela consecutiva constituição da família. O que traz uma dose de poesia para este estudo.

Segundo dois dos filhos do senhor Theodoro Patzlaff e da senhora Frieda Strellow Patzlaff (os primeiros proprietários do sítio), Joaquim Patzlaff e Eleonora Patzlaff Hönrke, neste período os colonos tinham como tradição entregar a herança no momento em que os jovens estavam iniciando suas vidas adultas e não somente no final da vida, como estamos habituados. Desta forma, o pai de Theodoro comprou uma “colônia de terra” para cada um dos filhos homens e repassou a responsabilidade de que estes pagassem o valor equivalente ao terreno às irmãs. Tendo recebido o lote, os jovens eram responsáveis por edificarem as benfeitorias e a residência para que pudessem iniciar a produção agrícola.

No ano de 1938 o terreno foi adquirido e, em 1940, Theodoro, um de seus irmãos e alguns construtores contratados na, à época, colônia pelotense do Arroio do Padre, passaram a residir em um alojamento provisório no próprio terreno, em virtude da distância entre sua colônia de origem e a colônia Py Crespo, onde se localiza o sítio. Por ocasião de uma festa na vizinhança, Theodoro e Frieda se conheceram, namoraram, noivaram, apressaram a edificação da residência definitiva e, no ano de 1941, três anos após a aquisição do lote, um ano após o início da construção, casaram e foram morar na propriedade em estudo.

Segundo Ida Strellow de Castro, irmã de Frieda, o material utilizado (tijolos, madeira, telhas etc.) foi todo trazido do Arroio do Padre. Segundo ela, aquela localidade era um conjunto de campos cortados por uma estrada, a Estrada da Santa Silvana, ainda em fase de consolidação.

A pequena concentração de mata nativa do local era composta por árvores cuja madeira não era “boa para a construção”.

Organização do Sítio

Comparando a organização do sítio da família Patzlaff com o esquema de um sítio teuto-brasileiro elaborado por Weimer e apresentado neste trabalho anteriormente, ficam evidentes as semelhanças entre ambos, conforme pode ser visto na figura 9.

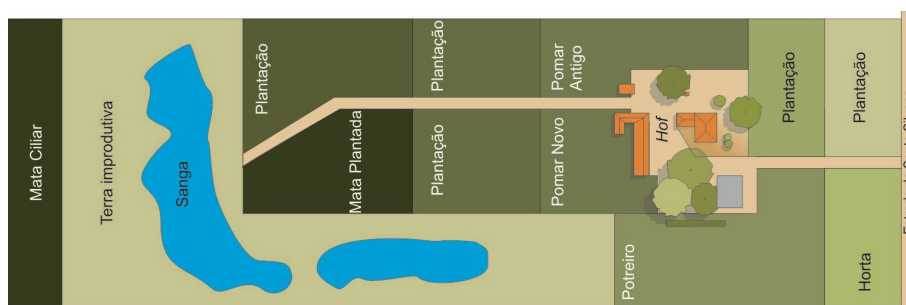


Figura 9: Organização da propriedade Patzlaff. Fonte: Levantamento preliminar realizado pela autora, 2009

Conforme acontecia nas aldeias centro-européias, os imigrantes trouxeram o costume de circundar o *Hof* pelo pomar e pela horta. Na propriedade Patzlaff a horta fica um pouco deslocada, mas o pomar fica diretamente próximo do sítio. E, assim como acontece na maior parte dos sítios teuto-gaúchos, o potreiro fica numa região estratégica em relação ao sítio.

A região que compreende as terras improdutivas não é utilizada para o plantio devido à acentuada declividade. Próximo ao potreiro e à divisa com as terras do vizinho à esquerda localiza-se o poço que, com uma bomba elétrica, envia água para o abastecimento do sítio.

O pomar novo foi idealizado e cultivado por Theodoro Patzlaff na última década da sua vida. Com as dificuldades motoras que a avançada idade lhe trouxe, a agricultura tornou-se impraticável, porém, como para ele era impensável deixar de trabalhar, substituiu o cultivo em grande escala pelo cuidado de árvores frutíferas próximas à residência. Da mesma forma, o chiqueiro foi desativado, pois a criação de porcos, animais pesados, foi substituída pela criação de aves no pátio do sítio.

O Hof (pátio)

Assim como a propriedade é organizada de acordo com “diretrizes” que se repetem em inúmeros sítios de teuto-brasileiros, o *Hof*⁴ da propriedade Patzlaff (Figura 11) também segue um aparente modelo em sua organização.

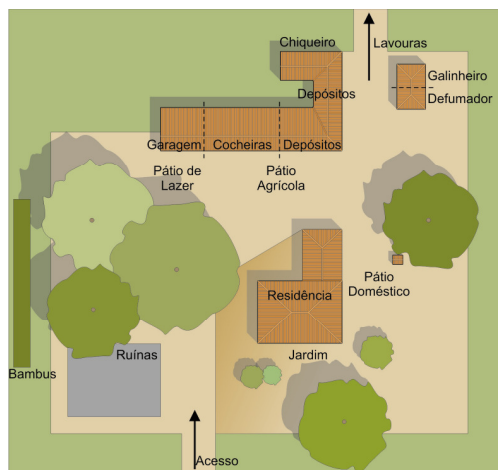


Figura 11: *Hof* da propriedade Patzlaff. (Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho.)

Em um local mais elevado do lote, está implantada a residência. Dela é possível enxergar os pátios, uma parte do potreiro, o pomar antigo e as plantações próximas à estrada.

Na figura 11, o prédio onde estão a garagem, as cocheiras, os depósitos e o chiqueiro, atualmente é todo construído em madeira, e subdividido internamente. Ele sofreu inúmeros reparos ao longo dos anos, como a substituição das madeiras ruins do fechamento e da estrutura, o remanejo das subdivisões internas, conforme as necessidades e a demolição da parte construída em alvenaria e posterior substituição por estrutura e vedação em madeira. Segundo Ida Strellow de Castro a parte que hoje serve de cocheiras, serviu de abrigo a Theodoro Patzlaff e seus colaboradores na edificação da residência. O depósito deste complexo representado desabou há alguns anos. Este foi todo construído em alvenaria de tijolos de barro com argamassa de barro. Os tijolos provieram da olaria que funcionou na propriedade durante alguns anos. Joaquim e Eleonora disseram que a olaria era de seu pai, Theodoro. Porém Ida Strellow de Castro afirmou que a olaria fora de seu irmão Reinaldo Strellow. Que morou durante alguns anos na propriedade, à época em que a olaria funcionava, porém, com o término da atividade mudou-se e, posteriormente, na década de 80 até o seu falecimento nos anos 90 voltou a residir na propriedade. O forno e o galpão que comporta o galinheiro e o defumador também foram edificadas em alvenaria.

O conjunto edificado forma pátios que assumem funções específicas conforme sua localização. Sob a sombra das figueiras, próximo à residência, realizavam-se alguns encontros da família. Com mais frequência em tempos idos do que atualmente.

O pátio doméstico atende às demandas da casa. Nele cortava-se a lenha e matavam-se as aves; nele está o forno onde eram assados os pães, as cucas, os bolos, as carnes que

⁴ Espaço onde estão implantadas a residência e as benfeitorias e, onde essas conformam pátios de serviço e de lazer.

precisavam ser armazenadas, antes da chegada da luz elétrica⁵ e do refrigerador, já pré-assadas dentro da banha de porco. E, sob a sombra da figueira, era feita a *Schmier*⁶ em tachos de cobre sob o fogo de chão e eram lavadas as roupas em um tanque sem encanamento. Para a secagem dessas roupas não existiam varais específicos, as mesmas eram deixadas sobre os arames das cercas que separavam as lavouras do potreiro e do pátio, o *Hof*.

No pátio agrícola eram realizadas as atividades relacionadas à produção. Tais como a classificação do aspargo para o posterior envio às fábricas; o descascamento do feijão, etc.

O jardim era um espaço pouco utilizado. Era cultivado principalmente para a contemplação por parte das visitas que esporadicamente surgiam.

Por fim, o maciço de bambus servia para barrar os ventos que vinham daquela direção, um descampado onde estava o potreiro.

Partido Arquitetônico da Residência e seus Usos

A residência passou por algumas alterações desde a sua construção até os dias atuais. Primeiramente, na década de 40, ela tinha o avarandado, a sala de estar e os dois quartos que estão diretamente ao lado dela, exatamente como nos dias atuais (um quarto era o dormitório do casal e outro era um quarto de hóspedes), uma cozinha e uma sala de jantar.

Com o nascimento dos filhos, tendo meninos e meninas, foi necessário reorganizar a casa a fim de separar os filhos nos dormitórios de acordo com o gênero. Assim, a divisória entre a cozinha e a sala de jantar foi retirada, e foi construída outra parede, transformando a cozinha e a sala de jantar num espaço integrado e criando um dormitório ao lado destes.

Já desta época são contadas histórias envolvendo a casa sempre referenciando o uso constante da cozinha como local de convívio da família e a sala de estar apenas servindo para recepcionar visitas externas.

Sendo assim, conforme já foi mencionado anteriormente, no final da década de 60, já com os sete filhos nascidos e alguns já crescidos, sentiram a necessidade de ampliar a cozinha e construir um banheiro, conforme pode ser visto na figura 14

⁵ Segundo informações passadas por Joaquim Patzlaff, a energia elétrica só chegou àquela região no início da década de 70, durante a gestão do Prefeito Municipal Ari Alcântara.

⁶ Tradicional doce de frutas alemão, pastoso, feito com a polpa da fruta, diferentemente da geleia, que usava a casca. Feito de acordo com a fruta da época.

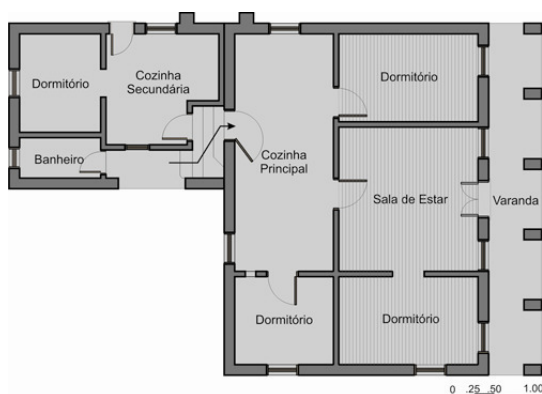


Figura 14: Planta-Baixa atual da Residência
(Fonte: Elaborado pela autora para este trabalho.
Baseada no levantamento)

Perguntados sobre como era feita a higiene pessoal, as lembranças divergiram de acordo com o gênero do entrevistado. Joaquim lembrou de tomar um banho semanal na sanga próxima, Eleonora lembrou-se de tomar banho na tina sob o telheiro e, devido a esta aparente dificuldade, na cozinha, sob um banco próximo ao fogão à lenha existia uma gamela para lavarem os pés e uma bacia para lavarem as mãos e o rosto, semelhantemente com o que Weimer descreve em diversas casas de imigrantes gaúchos chamando, em alemão, de *Waschenbank*⁷ (2005, 166 ; 274; 277).

Porém, a cozinha edificada na década de 60 nunca foi efetivamente utilizada, pois, no momento da conclusão das obras, os filhos começaram a casar e a sair de casa. Desta forma, a cozinha secundária (conforme denominada na figura 30) passou a ser utilizada como despensa e, eventualmente, como o local onde eram limpos os porcos que eram mortos periodicamente, onde se faziam as linguiças, os queijos de porco, os patês, as morcelas e todos os seus diversos derivados.

As principais semelhanças encontradas entre a organização funcional da residência da família Patzlaff com as casas pomeranas e com as casas teuto-gaúchas foram: a) a cozinha como o centro distribuidor de todas as funções. Sendo esta, a dependência mais importante por ser a mais utilizada da casa; b) Os dormitórios se localizam diretamente ao lado da sala de estar, sendo aumentado o número de quartos de acordo com o número de filhos. c) A varanda aparece como um elemento intermediário, estando presente nos dois acessos: o principal e o secundário.

Outro elemento interessante presente na residência Patzlaff é uma pequena “janela” presente na parede que divide o dormitório da cozinha (Figura 15). As histórias que

Antes da construção desta ampliação, havia no local onde esta foi edificada, um telheiro sob o qual ficava o forno à lenha (anterior ao apresentado na figura 22), uma tina que era utilizada para a higiene pessoal e um pequeno galpão fechado, onde armazenavam os alimentos que eram colhidos e seriam consumidos pela casa, tais como batata, feijão etc.

⁷ Banco de lavar.

são contadas trazem aquele elemento como “o local para colocar o rádio”, porém, Baur-Heinhold diz que na Vestfália, a *Diele*⁸ era de domínio da esposa do agricultor que passava o dia supervisionando de perto e, “para fins de supervisão noturna, havia, muitas vezes, uma pequena janela entre a sala e a *Diele*. Através dela, desde o dossel ou nicho de dormir, os patrões podiam controlar a eira” (1961, 10-11 apud WEIMER, 2005, 78).

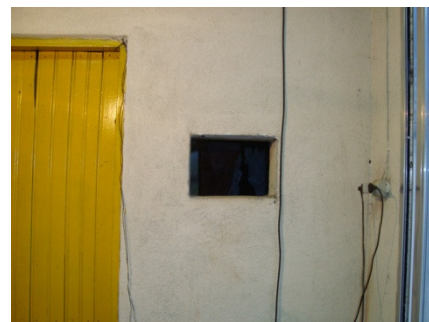


Figura 15: Janela entre dormitório e cozinha
(Fonte: Foto da Autora em 05/07/2009)

Sistemas Construtivos

O sistema construtivo considerado efetivamente teuto-gaúcho, sem dúvida, é o enxaimel. Porém, acredita-se que devido à escassez de madeira no local e à existência de profissionais construtores que dominavam a técnica luso-brasileira, optou-se por edificar a residência Patzlaff com todas estas características portuguesas (ver figuras 32, 33, 34 e 35).

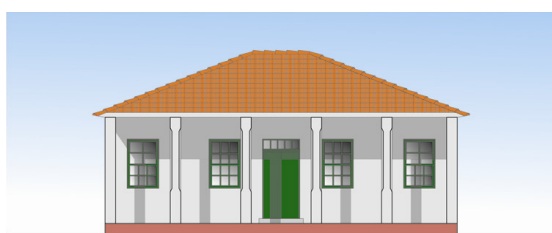


Figura 16: Fachada Nordeste

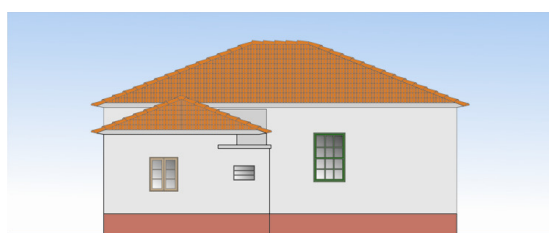


Figura 17: Fachada Sudoeste.

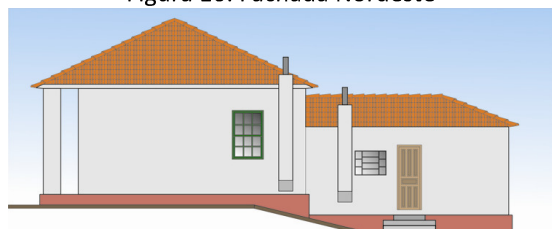


Figura 18: Fachada Noroeste.

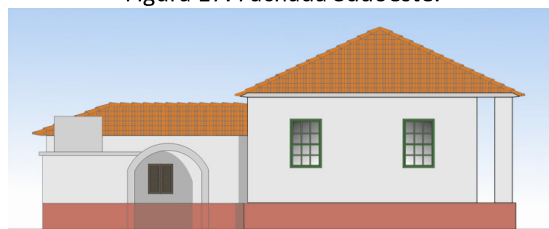


Figura 19: Fachada Sudeste.

(Fonte: Levantamento Físico-espacial elaborado pela autora em 05/07/2009)

Construída em alvenaria, com janelas de madeira e vidro, do tipo guilhotina, com duas folhas de madeira internas e portas também de madeira (a do acesso secundário de folha única articulada 90º e a principal, também de madeira com duas folhas,

⁸ Também citada por Weimer como “Eira”, o espaço da casa onde eram realizadas inúmeras atividades, como as agrícolas e as agropastoris, a preparação de alimentos, as refeições e era onde dormiam os empregados e os animais.

articuladas a 90º, esta última com bandeira com vidros em proporção semelhante a das janelas); a casa aparentemente “portuguesa, com certeza” surpreende ao ter a estrutura de seu telhado analisada.

A edificação portuguesa utiliza-se de tesouras romanas para estruturar seus telhados. Nesta construção em estudo, encontra-se o sistema estrutural de terças, conforme foi apresentado anteriormente e a figura 20 ilustra.



Figura 20: Estrutura do telhado (Fonte: Foto da Autora em 05/07/2009)

Analisando os galpões de madeira, reparamos que a estruturação utilizada nos mesmos é muito semelhante à presente no enxaimel. Sua única diferença consiste no que poderíamos chamar de um retrocesso histórico: o tramado estrutural preso ao solo. Visto o que Weimer trás a esse respeito o seguinte:

“No começo dos tempos históricos, as plantas se tornaram retangulares e a técnica construtiva teve um progresso decisivo quando se conseguiu resolver um problema fundamental: a madeira cravada no solo apodrecia facilmente. Ao se elevar o tramado de madeiras verticais e horizontais sobre a fundação de pedra, eliminou-se esse problema, mas a estrutura perdeu em rigidez. Isso foi solucionado quando se descobriu que peças inclinadas e encaixadas nos tramos conferiam à original a sua rigidez. A descoberta da triangulação significa para esta técnica construtiva o mesmo que a roda para os transportes. Ela é o princípio básico da estática sobre o qual repousa toda a evolução posterior”

O telhado dos galpões é estruturado de forma muito semelhante à da residência, porém nos galpões não existem tantas escoras como foram necessárias no telhado da residência, somente existe uma inclinada em cada extremidade, conforme pode ser visto na figura 37.



Figura 21: Estruturação das paredes do galpão (Fonte: Foto da Autora em 05/07/2009)



Figura 22: Estrutura do telhado de Caibros com escoras (Fonte: Foto da Autora em 05/07/2009)

Considerações finais

Os imigrantes alemães, expulsos de sua terra natal, devido às tensões internas centro-européias, foram figuras importantes para a consolidação do território rio-grandense e, tendo abandonado seus locais de origem, muitas vezes apenas com um pequeno baú com objetos pessoais, roupas, ferramentas e expectativas, tentaram recriar um espaço com características semelhantes às dos aldeamentos centro-europeus.

Da mesma forma, os descendentes desses imigrantes seguiram repetindo o modelo organizacional dos sítios e das residências e utilizando ainda técnicas construtivas amplamente conhecidas pelos seus grupos de origem. Muitas vezes, através da complementação de conhecimentos.

O descendente teuto-gaúcho, na sua grande maioria, não conhecia, ou não dominava a técnica da alvenaria e quando, por necessidade ou opção, essa forma de construir era utilizada, ele não tinha voz de comando no canteiro de obras. Porém, quando se tratava do emprego da madeira, em qualquer que fosse a etapa da construção - execução da estrutura, das vedações, do piso, do madeiramento do telhado ou na edificação das benfeitorias - quem impunha o conhecimento era o imigrante ou o seu descendente.

O estudo de caso apresentou um sítio que segue diversas dessas características, no entanto com algumas peculiaridades. A primeira delas foi a necessidade que o descendente, responsável pela edificação do sítio estudado, sentiu, ao chegar ao local: se afastar da água a fim de não ficar deslocado da via de acesso ao seu lote.

Posteriormente, não encontrou no local o material necessário para a edificação de sua residência, precisando importar tudo de sua colônia de origem, inclusive mão-de-obra. Mesmo assim, embora as características estéticas sigam padrões coloniais portugueses, em diversos pontos se percebe a presença da cultura arquitetônica característica da imigração alemã.

De todas, a maior peculiaridade deste estudo foi a constatação da existência de uma olaria, ativa durante determinado período, dentro da propriedade. Nela foram fabricados tijolos para a edificação de parte das benfeitorias do sítio e, também, para a edificação de algumas residências e benfeitorias vizinhas. Sobre esse fato, é necessário um estudo específico posterior.

Alguns estudiosos apresentam os imigrantes alemães como excelentes artesãos madeireiros, carpinteiros ou marceneiros. E a análise deste sítio mostrou que, muito provavelmente, o saber trabalhar a madeira seja uma herança transmitida através das gerações. Contudo, como esta amostragem é infinitamente pequena, para confirmar todas as hipóteses apresentadas, é

necessária a análise de outros sítios de descendentes de imigrantes cujas características se repitam.

Referências

- KLEIN, Herbert S. *Migração Internacional na História das Américas*. In: BORIS FAUSTO (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: EdUSP, 1999.
- LANGENSCHIEDT. **Euro-Wörterbuch Portugiesisch**. Berlin und München: Betriebe Langenscheidt, 1992
- ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 2 v., 1969.
- WEIMER, Günter. **Arquitetura Popular da Imigração Alemã**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- _____. (Org.). **Urbanismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

Autores:

Vanessa Patzlaff Bosenbecker

Arquiteta e urbanista, graduada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (2008), mestranda no programa de pós graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas. Atualmente é professora do Programa de Graduação do Instituto Federal do Rio Grande do Sul.

Fábio Vergara Cerqueira

Historiador, graduado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1989) doutor em Antropologia Social, pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é professor associado do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas.